

Entre o mito da
criança achada,
o D. Quixote e o
Sebastianismo,
Almeida Faria vê

«O conquistador» perdido no nevoeiro

Linda Santos Costa

Acreditei durante muito tempo ter vindo ao mundo de um modo diferente de toda a gente. Foi minha avó Catarina — e as avós nunca mentem — quem me meteu esta ideia na cabeça. Costumava contar-me que, num dia de Inverno, de manhã cedo, apesar do nevoeiro, o faroleiro João de Castro tinha ido à praia da Adraga apanhar polvos, quando deu comigo metido num ovo enorme, com a cabeça, as pernas e os braços de fora.»

Assim se inicia o romance de Almeida Faria «O Conquistador» e neste primeiro parágrafo está condensado o espírito da história e o estatuto da narração: o como se (fantástico ou onírico) tem direito de cidadania e é exibido; o narrador que diz eu (narrador autodiegético) estabelece uma distância temporal entre o passado da história e o presente da narração.

Autobiografia de Sebastião Correia de Castro — este é o nome do herói — nela se inscreve em filigrana a sombra do Outro, o rei eternamente desejado, D. Sebastião de seu nome, e o mito de salvação que se lhe colou.

A tentação de ler O Conquistador como a reescrita fantasista e irónica da vida de D. Sebastião fazendo-o ter sucesso onde o rei fracassara é embarcar num primarismo interpretativo que fica ao rés das imagens e das palavras. O autor, magnânimo, não se exime de espalhar pistas que podem caucionar tal leitura: o herói nasce quatrocentos anos depois do rei-mártir, a sua vida estende-se por vinte e quatro anos (a morte a anunciar-se), o nome dos pais e avó são os mesmos, a semelhança física entre ambos é notável.

Reencarnação, murmuramos, se formos dados a tais crenças. Ou então, como o narrador: *nomen est omen*.

Não esquecer, porém, que estamos num universo ficcional e que as imagens e situações remetem para um sentido-outro, a decifrar, a questionar.

Romance de formação

Romance de formação mais do que romance picaresco, O Conquistador é a reconstituição, na memória, dos anos de aprendizagem do herói, desde o nascimento mítico à maturidade (a morte como ritual de passagem). Simultaneamente, é a interpelação, em registo irónico, do destino messiânico de Portugal. E também do jogo dos símbolos: numéricos, astrológicos, psíquicos, esotéricos.

Se o que funda o romance como género é o mito infantil do nascimento do herói que tem como arquétipos a história da Criança Achada e a história do Bastardo (Marthe Robert) podemos ler O Conquistador como um exem-

plar do mito da Criança Achada e fazê-lo descender da linhagem de Cervantes e do seu extravagante mundo de coincidências mágicas e irónicas.

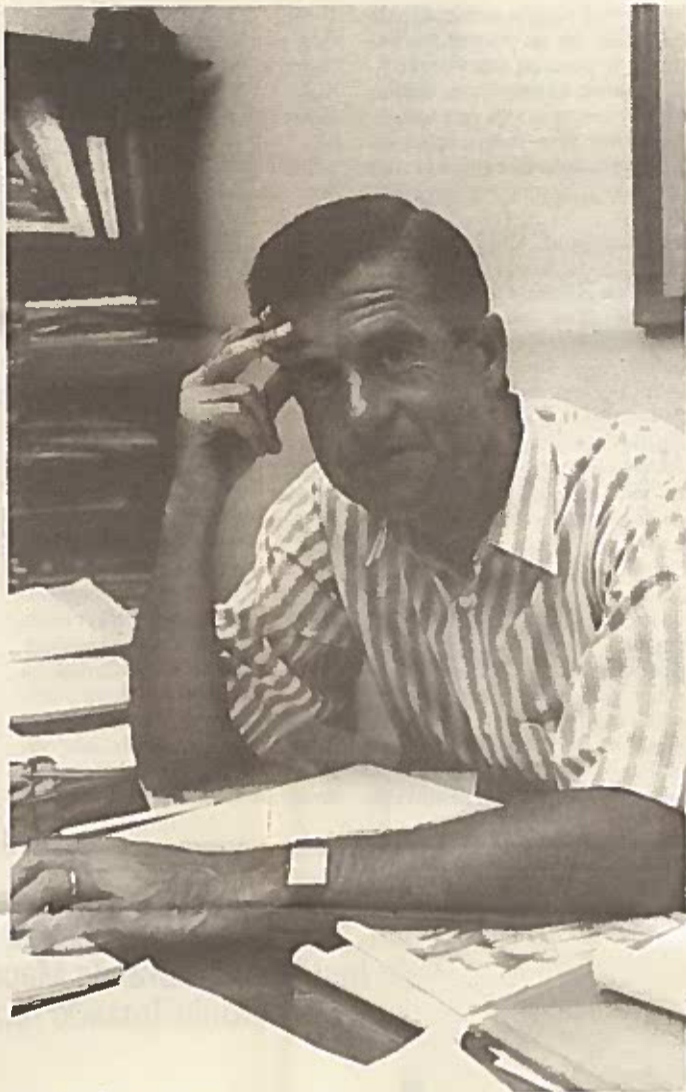
«A verdade pode surgir da mentira repetida» escreve o narrador fazendo-se eco do dizer de D. Quixote: «... quando encerram tanta aparência de verdade, visto que nos contam o pai, a mãe, os parentes.» É a verdade do contar, verdade que não está na relação das palavras com o mundo, mas na teia que as palavras entretecem de si para si mesmas.

Sebastião, o herói, num registo megalómano narcísico, não deve a vida a ninguém nascendo por geração espontânea, sem intervenção dos progenitores putativos. A sua origem é, afinal, da ordem do contar: os contos da avó Catarina, o contar da vida que o narrador inicia no retiro da Peninha. E o contar é um modo de exorcizar os fantasmas, os medos: «Não admira que, em tão ásperos sítios, as pessoas procurem amenizar o invisível, preenchendo-o de histórias para afugentar assombrações e domesticar noites terríveis.» (p-133).

A narração inicia-se a vinte de Janeiro de mil novecentos e setenta e oito, estende-se por um período de sete meses (a cada mês corresponde um capítulo e as marcas do «agora» da narração estão presentes) e reconstitui, em *flash-back*, a breve vida do herói.

Sebastião, a par do nascimento anómalo, tem seis dedos no pé direito a anunciar um especial interesse pelo amor físico não fosse seis o número consagrado a Vénus, ou o número do pecado do Apocalipse, ou o símbolo do casamento para os Pitagóricos, ou o contrário de tudo isto (os símbolos são polissémicos — diz-nos o narrador).

Fadado ou não para o amor, este perverso polimorfo segue o caminho da descoberta inocente do prazer tendo por guias figuras tutelares da arte de amar emigradas da ópera, do romance ou da poesia: Dora Bela da *Così fan Tutte*; Justina e Julieta dos romances de Sade; a Bela Helena de uma longa tradição literária, dramática e musical. O psicanalismo é interpelado ironicamente e exhibe-se uma sexualidade que tem as marcas fantasmáticas da latência e puberdade. O que se conta é a busca dilacerada do amor na linguagem pansexualista do jovem que procura construir a identidade e teme a impotência. Não é erótico nem divertido o registo, pese embora a intenção do autor de fazer ironia e tornar feérica a iniciação de que o sexo é metonímia. Assim, o encontro com Clara, a Americana, é o lugar da revelação do amor e da nostalgia. Clara, a Terra Prometida e sempre demandada, povoa os sonhos de Sebastião na entrada da adultícia e é ocasião para ele se questionar sobre a sua identidade: «Continuo ignorando quem sou eu. Se fui quem hoje julgo ser, se sou quem



Almeida Faria: D. Quixote povoou-lhe os sonhos

dizem que fui, se nunca serei mais que não saber quem sou ou quem serei, mesmo assim valeu a pena. E alguma coisa aprendi: quem não quero ser.» (p-130)

O «espírito do sério»

O Conquistador assume-se nas últimas páginas como meditação melancólica sobre a identidade pessoal (a identidade de género subjacente) e estabelece-se um corte com o tom da restante narrativa. O «espírito do sério» impõe-se: o narrador evoca o amigo cujos desenhos acompanham a narrativa, interroga-se acerca da natureza do processo criativo e o tema do duplo insinua-se como leitura psicológica do Outro (o drama pessoano a aflorar). «Como se o eu não fosse meu, como se não me reconhecesse em todas as acções e amores e diálogos de que se diria que fui protagonista ou em que simplesmente tomei parte sabendo-me exterior ou excluído.» (p-132).

O mito sebástico que tinha sido glosado em tom satírico (cavaleiro Alcides e Núcleo Sebastianista de Sintra mais o professor Gago de Carvalho) e crítico: — «Todos,

curada não gera um discurso vivo e harmónico em que as diversas instâncias discursivas se autonomizem e dialoguem, mas produz interferências ruidosas e cacofonias.

Empobrecimento imagético

Também o diálogo visado com os desenhos de Mário Botas se traduz num empobrecimento imagético: as palavras a dobrarem as imagens, elas já cópias desbotadas (amenas e anémicas) de outras imagens.

Quanto à tentativa de fazer uma narrativa subversivamente erótica e satírica à maneira de Rabelais, só pode ser entendida como uma ingenuidade do autor, condenada ao insucesso: quebraram-se irremediavelmente, no Ocidente, os laços existentes entre a literatura e a cultura folclórica satírica e paródica que forneceu a Rabelais as insólitas imagens do seu mundo grotesco e fantástico.

Almeida Faria não é, obviamente, um autor do riso e da alegria ruidosa e catártica. O seu riso

é momo e triste e só o sentimos vontade quando veste a pele do homem sério. As armas de D. Quixote não lhe convêm, o mundo de Rabelais não é o seu. Perdeu-se no nevoeiro dos sonhos.

Almeida Faria
O CONQUISTADOR



CAMINHO

Almeida Faria
O Conquistador
Editorial Caminho
134 págs./1 000\$00